

O BOM PROTESTO 14-6-57

AINDA não cessou a onda de queixas contra o júri de seleção da próxima Bienal. O esperneio não raro chegou aos limites do ridículo, e algumas das sugestões feitas para resolver o «caso» são completamente inviáveis. A direção da Bienal não podia fazer outra coisa que prestigiar o júri; algum erro que esse tivesse praticado era mesmo sem remédio. Se ele fosse reconsiderar o caso deste ou daquele pintor, a grita dos outros recusados seria ainda maior. O que está feito, está feito.

Isso não quer dizer, entretanto, que a gente seja obrigada a acreditar na sabedoria dos senhores juizes. Conheço pessoalmente todos eles, a uns melhores que a outros; e alguns são meus amigos. Não ponho em dúvida de maneira alguma a autoridade moral, intelectual ou artística desses juizes. Eles agiram como acharam melhor, e movidos sobretudo pela ânsia de fazer uma seleção rigorosa para evitar o erro das outras Bienais — uma representação brasileira ridiculamente grande, com tanta coisa ruim que desanimava o visitante. Acho, entretanto, que eles praticaram alguns erros imperdoáveis. De um deles já falei: a recusa dos desenhos de Anísio Medeiros, completamente incompreensível; conheço os últimos desenhos desse artista (que no ano passado recebeu o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro do Salão Nacional) e posso garantir que ele foi vítima de um ataque de mau humor, cegueira ou incompreensão do júri.

Outro premiado do Salão Nacional resolveu expor os seus quadros que o júri da Bienal recusou: o pintor Saldanha. Estão na galeria Oca, ali na praça General Osório, ao lado do Teatrinho de Bólso de Ipanema, onde Saldanha também expõe o painel que fez para um edifício de Oscar Niemeyer em Berlim. (Vai também para lá uma bela mulher nua deitada do escultor Ceschiatti).

Eu já havia visto alguns quadros de Saldanha, e confesso que não me entusiasmarei muito. Pois estou certo de que exatamente agora é que ele entrou em uma fase muito boa — agora, nesses quadros que os senhores da Bienal não quiseram. Admito que na preocupação de cortar e mais cortar, os juizes não aceitassem todos os quadros de Saldanha, mas pelo menos dois eles poderiam e deveriam ter aceito: o que está exposto na vitrina da galeria e um outro lá dentro, em que há uma sugestão de veneziana. Sem nenhum entusiasmo pela pintura abstrata, vejo ali dois quadros que eu não hesitaria em comprar para mim, se tivesse algum dinheiro no bólso. São boa pintura, belos de côr, de construção, de movimento — dignos de figurar na representação de qualquer país.

Ou baixou sobre esse júri um muito sutil espírito-de-porco ou os juizes ficaram tontos com o excessivo número de quadros apresentados e não tiveram vagar para «ver» realmente esses quadros. Quem gosta de pintura sabe que as exposições muito grandes, vistas de uma só vez, produzem na gente uma certa saturação, um cansaço visual ou emotivo; no fundo quadros não são coisas para museus ou exposições, mas devem ser vistos isoladamente, com sossego, com tempo e também com uma disposição de espírito receptiva, para captar a mensagem do artista. Essa disposição de espírito é que deve ter faltado aos membros do júri, dominados por uma fúria condenatória. Não há outra explicação.

Firmino Saldanha pode ter a certeza de que o melhor protesto, e o mais convincente, feito até agora contra o critério, ou melhor, a falta de critério do júri, foi o seu: expor, digna e silenciosamente, os trabalhos recusados.